

A “NOVIDADE” CIENTÍFICA NAS PÁGINAS DE “DICAS DO PROFESSOR”: MODO DE CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTO OU DIDATIZAÇÃO PARA O PROFESSOR?

Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UERJ)
angelabaalbaki@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca analisar um encarte intitulado “Dicas do Professor”, que faz parte da 2ª edição da revista *Ciência Hoje das Crianças* (nº 216). Fundamenta-se na Análise de Discurso materialista (AD), iniciada com os trabalhos de M. Pêcheux, na França, e de E. Orlandi, no Brasil. As Dicas parecem funcionar como um manual didático, explicitando um passo a passo para que o sujeito-leitor-professor realize atividades sobre os artigos da revista com seus alunos. A divulgação científica passa a ter uma relação de didatização com conhecimentos científicos.

Palavras-chave:

Análise de Discurso. Divulgação científica. Dicas do professor.

ABSTRACT

This article seeks to analyze a booklet entitled “Dicas do Professor” (Teachers’s tips), which is part of the 2nd edition of *Ciência Hoje das Crianças* magazine (#216). It is based on the Materialist Discourse Analysis (AD), founded by M. Pêcheux’ work, in France, and E. Orlandi’s, in Brazil. The Tips seem to work as a didactic manual, offering step-by-step for the subject-reader-teacher can carry out activities based on the magazine’s articles with his/her students. Scientific dissemination turns out to have a didactic relationship with scientific knowledge.

Keywords:

Discourse Analysis. Scientific dissemination. Teacher’s tips.

1. Introdução

Fundamentamos nosso artigo na perspectiva teórica e metodológica da Análise do Discurso materialista, tradição inaugurada por M. Pêcheux a partir da publicação de *Análise Automática do Discurso* (AAD-69). Um dos pilares dessa teoria que surgia no cenário francês, no final da década de 1960, é a relação entre sujeito e sentido. Trata-se, portanto, de uma teoria não subjetiva da subjetividade. É uma teoria em que o histórico e o ideológico são convocados a participar como categorias determinantes dos sujeitos e dos sentidos. Consequentemente, vale dizer que os sentidos se confrontam em disputa por espaços de estabilização.

Pensar o discurso de divulgação científica (para crianças e para professores) textualizado em uma revista é considerar que a produção dos conhecimentos científicos está inscrita nas condições de (re)produção/transformação das relações de produção. A prática científica e a prática política estão imbricadas e são determinadas sócio-histórica e ideologicamente em uma dada formação social. Podemos dizer que o rompimento da Análise do Discurso com uma concepção de “ciência régia” (PÊ-CHEUX, 2007) ideal, perfeita, verdadeira, deve-se à própria maneira como essa teoria concebe o sujeito, a linguagem e a história. Ademais, para o quadro teórico em que nos inscrevemos, o que há são discursos, que são produzidos em determinadas condições de produção por sujeitos, inscritos na história e interpelados ideologicamente.

Assim, devemos compreender as condições de produção do funcionamento linguístico, visto que ele “deixa de ser apenas linguístico para tornar-se também discursivo; vale dizer, é preciso relacioná-lo à exterioridade, à conjuntura histórico-social em que foi produzido, ao lugar social em que seu sujeito está inscrito e à rede de formulações já existente” (INDURSKY, 1998, p. 12). Noble e Mittmann (2016) destacam a dupla materialidade do discurso: a) materialidade linguística (base da qual partem os atos de leitura); b) materialidade histórica (base que intervém acionando sentidos possíveis por meio dos gestos de leitura).

Considerando esses aspectos teórico-metodológicos, nosso artigo tem como objetivo analisar um encarte intitulado “Dicas do professor” da revista *Ciência Hoje das Crianças* (CHC) nº 216, 2ª edição de setembro de 2010 – uma publicação do Instituto *Ciência Hoje*. Registramos que nossos recortes foram orientados pelo ensejo de identificar imagens discursivas da posição do leitor (no caso, o professor), mobilizando, principalmente, a noção de efeito-leitor.

2. A circularidade do discurso pedagógico⁹ nas páginas da CHC

Apesar de o título da revista recortar uma determinada região de sentidos que teria a criança como centralidade, observamos que professor comparece como um sujeito-leitor da revista CHC. Nossa inquietação se iniciou com a leitura das cartas de leitores que tinham o professor como autor. No entanto, em outras seções da revista pudemos observar a inser-

⁹ O subtítulo retoma uma formulação do título do texto “O discurso pedagógico: a circularidade” (ORLANDI, 1987).

ção do efeito-leitor-professor. Listamos, por exemplo, um questionário que tinha por objetivo configurar o perfil do leitor – destinado tanto para criança quanto para o professor – e outro destinado exclusivamente para o professor. Outro exemplo é a contracapa que apresenta a seguinte chamada “Responde, professor” (fig. 1) e a promoção “Alô, professor!” (fig. 2).

Fig. 1: Contracapa da revista.

Responde, professor!

O MEC está querendo saber onde estão os 2 milhões de professores do ensino público e privado no Brasil. Só assim vai poder enviar correspondências, materiais e o PCN, que está ficando pronto agora. Se você é professor, pague seu formulário na escola ou na prefeitura, preencha-o sem demora e devolva-o ao MEC. Não é necessário selar, o porte está pago.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM ENSEINO PÚBLICO E PRIVADO

Informações: Procure a Dama de seu estado ou ligue 0800-0181181.

Ministério da Educação e do Desporto

BRASIL

Fig. 2: Pesquisa: Alô, professor!

Alô, professor!

Esta página de Ciência Hoje das Crianças é destinada aos professores que, de alguma maneira, usam o conteúdo da revista em suas aulas. Preenchendo o questionário abaixo, você, professor, estará colaborando para que a equipe da Redação conheça o seu perfil e a sua opinião sobre os temas abordados na CHC. Portanto, recorte esta página (ou tire uma cópia, caso a revista se destine à biblioteca da sua escola), responda às perguntas, siga a calheta indicada no verso e corra até os Correios. Faremos um sorteio entre as cartas que forem postadas até o dia 30 de dezembro de 2004 e o ganhador receberá uma assinatura da revista e uma coleção de livros Ciência Hoje na Escola. Evidente, sua participação é muito importante!

Avulso: Este questionário está disponível na www.ciencia.org.br. Após que firmo preenchido e enviado até o dia 30/12/2004, não pode ser usado.

Nome: _____ Sobrenome: _____
Nome do seu município: _____ Estado: _____
Nome da sua escola: _____
Cidade de sua escola (município, estado, federal ou particular): _____
Série(s) em que leciona: _____
Disciplina(s) que leciona: _____
Tempo de exercício: _____

6. Você utilizou, de alguma forma, estes artigos com seu aluno? Como você os usou? _____

7. Você conhece o encarte Dicas do Professor? Dê a sua opinião sobre ele: _____

8. Se você costuma fazer experimentos em sua escola, conte aqui como são os seus: _____

9. Agora, indique-nos com algumas sugestões. Queremos saber quais os áreas e temas são de seu maior interesse. _____

10. Para finalizar gostaríamos de saber: você conhece alguma publicação do Instituto Ciência Hoje? _____

1. Como você conheceu a revista Ciência Hoje das Crianças? _____
2. De que maneira você teve acesso a essa revista? _____
3. De quais temas/áreas de revista você mais gosta? _____
4. Qual a sua opinião sobre o layout usado pela revista? _____
5. Liste três artigos (ou matérias) de que você mais gostou na revista e diga por que os escolheu. _____

Temos muito interesse em conhecer experiências com o uso da CHC em sala de aula. Se você quiser contar a sua história para a Redação da Ciência Hoje das Crianças, envie um e-mail: chc@cienciahoje.org.br. Critérios para seleção também são bem-vindos! Agradecemos a sua participação neste questionário. Nosso objetivo é fazer uma revista cada vez melhor!

Fonte: Ciência Hoje das Crianças n° 75, 1997. Fonte: Criança das Crianças n° 151, 2004.

E perguntamos: qual é funcionamento do efeito-leitor professor suposto em uma parte específica da revista? Para responder à questão, analisamos um encarte intitulado “Dicas do Professor”. Ressaltamos que tais encartes são inseridos no interior da revista, constando apenas naquelas distribuídas pelo Ministério da Educação. Os exemplares adquiridos em bancas ou por assinaturas não os contêm.

De forma a pensar como o discurso pedagógico atravessa e sustenta o discurso de divulgação científica produzido pela CHC, encetamos nossa reflexão sobre a relação da revista com a escola pelo seguinte fragmento:

[...] sendo a única revista brasileira de divulgação científica direcionada ao público infanto-juvenil, era *natural* que a *Ciência Hoje das Crianças despertasse o interesse de educadores*, encontrando espaço para servir como instrumento de apoio para professores e alunos. (ENCARNAÇÃO, 2001, p. 111) (grifos nossos)

Ao ler esse trecho, compreendemos que *despertar o interesse de educadores* só pode ser considerado uma atitude *natural* se não considerarmos as condições sócio-históricas que produzem esse efeito de obviedade. Encontramos, em outros textos, o mesmo efeito de obviedade frente à utilização de material de divulgação científica como instrumento de apoio para professores e alunos. É o caso de “Ciência para Todos”, um suplemento de divulgação científica produzido pelo jornal “A Manhã” na década de 1940. O suplemento durou cinco anos e suas seções não apresentavam frequência regular.

Esteves, Massarani e Moreira (2006) sugerem que uma das motivações para a viabilização do suplemento “Ciência para Todos” (CpT) deu-se em função do comprometimento de seus membros com o ensino e a divulgação da ciência. O objetivo dos colaboradores do CpT era buscar a renovação dos métodos de ensino e um grande intercâmbio de técnicas didáticas. As seções que se dirigiam aos professores eram: Cinema Educativo, Orientação Bibliográfica, No laboratório e na aula, Ciência na escola primária, Como ensinar ciência. Pode-se dizer que

[...] para os professores, o suplemento funcionava como fonte de atualização e como um auxílio para preparação das aulas; para os alunos, como material complementar de função paradidática. A orientação didática do CpT foi uma de suas características mais marcantes. Em diversos artigos voltados para professores, o suplemento trazia sugestões para incrementar as aulas, discutia os currículos escolares, propunha atividade extraclasse e promovia iniciativas para estimular o interesse dos jovens pelas ciências. O suplemento parecia assumir uma missão educativa que em muitos casos transcendia a esfera do ensino formal (ESTEVES; MASSARANI; MOREIRA, 2006, p. 81) (grifos nossos)

Conforme o que foi enunciado por Esteves, Massarani e Moreira, é possível vislumbrar que o suplemento “CpT”, na década de 1940, assumia uma missão educativa. Teria ele assumido a função de material didático ou do próprio papel da escola? Para respondermos, mesmo que parcialmente, a essa pergunta, temos de considerar as condições de produção que, dentro da perspectiva da Análise de Discurso materialista, reconhecem que “funcionam como determinações históricas que não ficam visíveis para o sujeito conscientemente, mas que o coagem a responder às demandas que se impõem a partir das relações de força que organizam nossa sociedade capitalista” (LAGAZZI, 2011, p. 503).

De fato, sem uma análise prévia, não podemos afirmar essa ou aquela posição, mas temos, ao menos, pistas para considerar que a CHC não desperta naturalmente o interesse de educadores. A publicação de

“Dicas do Professor” não parece ser um fato isolado na tentativa de estabelecer uma “relação” da mídia com o ensino, especialmente, com o ensino fundamental. Há uma historicidade que produz sentidos; uma memória do que é ensinar ciência e ensinar ciência por meio de sua divulgação. Por este prisma, podemos questionar as determinações da mídia sobre a circulação dos conhecimentos científicos. E nos interrogamos: a revista CHC (e seu encarte) serviria como um instrumento didático?

Segundo Mariani (1998), o discurso jornalístico, atuando na institucionalização social dos sentidos, busca promover consenso sobre o que seria verdade de um evento. Para tanto, assume um caráter didático, ou melhor, didatiza as informações, explicando-as em forma de causa e consequência, operando definições. Parece haver, no discurso de divulgação científica, uma expansão desse caráter didático.

Para Moirand (2000), as formas de encenação do saber na mídia parecem responder a uma representação estereotipada da didatização. A autora ainda destaca que a necessidade da formação, tão imperiosa na atualidade, “torna-se um percurso obrigatório em um período de crise de emprego de que a escola é considerada em parte responsável (opinião que, aliás, a mídia difunde não sem complacência)” (MOIRAND, 2000, p. 21).

O lugar que se atribui ao professor é aquele do não detentor do saber, do não avançado, que não pesquisa nem acompanha os resultados das mesmas. É o lugar da reciclagem, ou seja, “um lugar de rememoração daquilo que ele deveria saber e, no instante mesmo em que rememora, é lembrado de que não sabe, mas deveria saber” (PFEIFFER, 2003, p. 39-40).

Como professores e escola não estariam capacitados para levar com êxito a todos os brasileiros um ensino, a mídia seria um “agente de democratização da educação” – informando todas as instâncias que compõem/constituem o processo ensino-aprendizagem. Sob o prisma pragmático, a divulgação científica seria a tábua de salvação da educação, o lugar de suprimento de instrumentos pedagógicos.

Distanciando-se desse prisma, afirma Pfeiffer (2003) que a mídia mostra-se como se fosse sua a tarefa de ocupar o lugar da falta. Teria a revista CHC a mesma tarefa?

De forma a realizar as análises do encarte, devemos considerar que sua publicação está atrelada à presença da revista na escola, ou melhor, a escola é um elemento das condições de produção desse discurso.

3. *Entre a materialidade linguística e a materialidade histórica: análise do encarte “Dicas do professor”*

O encarte da revista é dirigido ao professor, ou seja, é um material destinado a professores da rede pública, já que esse encarte só é encontrado no interior dos exemplares comprados e distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC), como pode ser observado na imagem da capa a seguir:

Fig. 3: Capa da revista CHC (2ª edição) como a logomarca da FNDE.



Fonte: Criança das Crianças nº 216 (setembro de 2010).

Antes de iniciarmos nossas análises do encarte “Dicas do Professor”, apresentaremos nosso gesto de descrição em relação à capa do número 216 da revista. A estruturação da capa da *Ciência Hoje das Crianças*, na parte superior apresenta o nome da revista (sua marca editorial), selo da Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)¹⁰, do Instituto *Ciência Hoje*¹¹ (ICH), da Sociedade Brasileira para o Pro-

¹⁰ As revistas enviadas às escolas públicas têm a logomarca da FNDE (Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação) impressa na capa e a designação “segunda edição”. Cabe frisar, que somente a 2ª edição recebe a logomarca do FNDE. A primeira edição é vendida em jornaleiros ou pelo próprio Instituto *Ciência Hoje*, por meio de assinaturas.

¹¹ “O Instituto *Ciência Hoje* (ICH) é uma organização privada, sem fins lucrativos, voltada à divulgação científica no Brasil. É responsável pela publicação das revistas *Ciência Ho-*

gresso da Ciência (SBPC), indicação da 2ª edição e de ser a venda proibida e dados editoriais da revista. Do lado esquerdo, há enunciados que apontam para artigos da revista (“Lagarto gigante: ele é nosso vizinho!”; “O que é um acelerador de partículas?”). Por fim, na parte inferior, o enunciado principal (“Escuta essa! Descubra como ouvimos”), grafado em letras destacadas, e que está em relação com a imagem na capa.

Por sua vez, para Lunkes e Dela-Silva (2019, p. 101), “o gesto de seleção dos dizeres e das imagens para comporem a capa de edição” de uma revista promove um jogo de evidenciamento e silenciamento em seu processo de composição e reformulação. De tal modo, de acordo com as autoras, haveria dizeres interditados e outros que precisariam se inscrever, configurando a capa como um espaço limitado para a escrita e para imagens.

A capa de uma revista pode ser tomada, segundo Lagazzi (2011), como um espaço de textualização que convocaria o leitor. Ou melhor,

Sendo o lugar de entrada do leitor, a capa de uma revista é espaço de imbricação entre imagens e enunciados verbais e na imbricação dessas diferentes materialidades significantes (Cf. LAGAZZI, 2011) que compõem as capas de revistas se aguça, a meu ver, os funcionamentos discursivos significativos de cada revista. (LAGAZZI, 2011, p. 506)

Assim como Lagazzi (2011), também consideramos que a “novidade científica” nas capas da revista de divulgação científica busca promover um modo de circulação de conhecimento. A autora destaca, nas análises das capas da Revista Pesquisa FAPESP, que há um “efeito regular que perpassa” (*Idibidem*, p. 507), qual seja: a espacialização como efeito visual da capa da revista atrelada a um “enunciado[s] em destaque com estrutura elíptica” (*Idibidem*, p. 507). Na capa da CHC nº 216, podemos observar o imbricamento do enunciado em destaque com a imagem. Da mesma forma das capas da revista da FAPESP, a da CHC espacializa, nos dizeres de Lagazzi (2011), o entrelaçamento com a imagem (imagem estilizada de uma criança com orelha em destaque circundada em um ambiente que suscita a produção de diferentes sons – com registro de onomatopéia “vrum”) com o enunciado “Escuta essa! Descubra como ouvimos”. Assim, “a imbricação entre imagem e enunciado produz o efeito de veracidade sobre os fatos enunciados como novos pelo efeito verbal de ‘anúnciação’ e pelo efeito visual de ‘espacialização’” (*Idibidem*, p. 510).

je e Ciência Hoje das Crianças”. (Fonte: <http://cienciahoje.org.br/instituto/sobre/>. Acesso em: 12 set.2019).

A falha nesse imbricamento (entre enunciado e imagem) pode irromper com os dois enunciados (com letras menores) que aparecem no canto direito superior, quais sejam: “Lagarto gigante: ele é nosso vizinho!”; “o que é um acelerador de partículas?”. São enunciados que não têm relação direta com a imagem. Dito de outra forma, os dois enunciados não parecem ter relação com a imagem que espacializa a capa, produzindo um efeito de exclusão. Afinal, os dizeres que compõem a capa parecem funcionar como pistas deixadas para “desbravar” os temas a serem tratados nas seções da revista.

No enunciado “Escuta essa! Descubra como ouvimos”, os verbos *escuta* e *descubra* cumprem o papel de guiar o leitor para o artigo principal, que produziria, entre outros, o efeito de novidade a ser encontrada nos artigos da revista. Ou melhor, a chamada para o artigo principal suscita que o leitor busque no interior da revista uma novidade.

Deixando a capa, passamos para o interior da revista. Em sua pesquisa, Carlotto (2013) propõe um quadro com a composição geral das partes da revista CHC. Para o referido autor, as “Dicas do professor” (encarte) seriam “[d]icas para o professor trabalhar com alguns dos textos da edição. Sugestões pedagógicas relativas a algum texto apresentado. Este encarte compõe apenas as revistas que fazem parte do acervo do PNBE¹², não sendo veiculada aos assinantes” (CARLOTTO, 2013, p. 47). Por meio das nossas análises empreendidas, também consideramos as “Dicas do professor” como um modo de ensinar o trabalho com os textos publicados nas seções da revista.

Neste artigo, nosso *corpus* é constituído, principalmente, pelo encarte da edição nº 216, publicado no ano de 2010. O encarte é composto por quatro páginas e apresenta formatação diferenciada em relação às demais páginas da revista. Na primeira, há o título do encarte, o editorial, as seções sobre a temática desenvolvida e o expediente. No encarte, as seções são: “Escuta essa!”; “Teiú – o gigante americano”; “Como funciona a sonda espacial?”. Nas demais páginas do encarte (respectivamente 2, 3 e 4), há comentários sobre o conteúdo de três artigos daquele número da revista¹³. No canto superior direito de cada página do encarte, pode ser observada, a página correlata a da revista (página 2, página 6 e

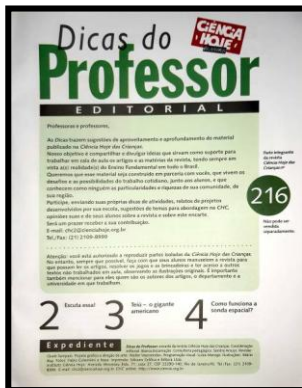
¹² Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi criado em 1997.

¹³ Baalbaki (2008) observou que os encartes “Dicas do professor” analisados traziam indicações de atividades e conteúdos tematizados, referentes a artigos de outras edições da revista e não, necessariamente, somente daquele número específico.

página 28), em correspondência ao sumário da revista. Dessa forma, o professor pode encontrar comentários e explicações dos artigos observando o número da página da revista com certa facilidade. Além disso, na última, um quadro finaliza o encarte, contendo uma menção aos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Para nossas análises, recortamos seqüências discursivas oriundas das seguintes partes: a) do editorial; b) das seções de comentários e sugestões de atividades; c) do quadro final.

Vejamos a seguir a imagem da primeira página do encarte:

Fig. 4: Dicas do professor – Encarte da revista.



Fonte: *Ciência Hoje das Crianças* nº 216 (setembro de 2010).

Destacamos, a princípio, o título do encarte. A análise do título “Dicas do professor” é relevante para o nosso gesto de leitura realizado neste artigo. O título é um mecanismo de colocação em cena de um determinado grupo de leitores imaginariamente presumidos. O título, ao mesmo tempo, remete a algo já-dado, assim como constrói discursivamente uma região de significação. Nunes (2003) considera que os títulos em textos de divulgação científica funcionam como recortes de regiões de sentidos. O autor ressalta que, do ponto de vista linguístico, os títulos apresentam uma grande variação, pois podem ser formulados através de um nome comum ou próprio, um sintagma, uma frase ou uma construção de discurso relatado. Em relação à construção do sujeito, o autor apresenta três configurações depreendidas em seu *corpus*: a) ausência do sujeito da ciência; b) o sujeito enquanto objeto de estudo ou paciente; e c) a imagem do cientista. Embora seja parte integrante de uma revista de divulgação científica, o encarte ora analisado parece funcionar como um

manual didático. O título “Dicas do professor” produz um direcionamento de sentidos e, ao fazê-lo, silencia outros. Desta forma, não comparecem, no título, nem o cientista e nem mesmo a criança, mas tão somente o professor – talvez se aproximando da configuração, depreendida por Nunus (2003).

De forma a buscar sentidos sobre o termo “dicas”, buscamos um verbete de dicionário monolíngue de língua portuguesa. Cabe frisar que fizemos a leitura do dicionário como um discurso – efeito de sentidos entre interlocutores. No dicionário *Aulete Digital*, encontramos o seguinte verbete para a palavra “dica”:

Fig. 5: Verbetes “dica”.

(di.ca)
Bras. sf.

1. Informação útil, proveitosa, ger. pouco conhecida; PLÁ; PALA [+ sobre, de: *dica de viagem*.: “...uma *dica sobre* como criar atalhos para mensagens de correio eletrônico...” (O Globo, 07.03.2005)]

2. Indicação, orientação ou pista: *Se eu der uma dica você decifra o enigma.*
[F.: Por **indica*, dev. de *indicar*, ou red. de *indicação*.]

À dica
1 Lus. Perto.
2 De atalaia, à espreita.

Fonte: <http://www.aulete.com.br/dica> – cores do dicionário.

Poderíamos pensar as dicas do professor como uma “informação útil, preciosa” para o docente ou ainda como uma “orientação, pista” para decifrar o ensino do conhecimento científico para seus alunos.

No título em pauta, destacamos o adjunto adnominal do professor que, do ponto de vista sintático, seria um sintagma preposicional de função adjetiva. Em trabalho anterior, Baalbaki (2008) sugere que tomar o título como um sintagma acrescentaria

[...] uma noção de referência (dicas próprias de professor) ou uma noção de finalidade (dicas para o professor). Sabemos que, do ponto de vista discursivo, o linguístico é a base material para os processos discursivos, que, por sua vez, são constituídos pelas relações sócio-históricas e determinados ideologicamente. Em outros termos, os sentidos não estão colados às palavras. (BAALBAKI, 2008, p. 112)

Ao lado do *box* do editorial, aparece o seguinte trecho:

Parte integrante da Ciência Hoje das Crianças n° 216.
Não pode ser vendido separadamente. (p. 1)

Desta forma, os exemplares da CHC com selo do FNDE são destinados somente às escolas públicas, ao se inserir o encarte como parte integrante da revista, proibindo (pelo uso da negação) sua venda separadamente. Devemos lembrar que o aluno das escolas públicas tem acesso à revista e, conseqüentemente, ao encarte. A quem se destina o encarte? Somente ao professor? Caso seja ao professor, cumpre-nos investigar o modo de funcionamento do efeito-leitor e como as imagens discursivas de professor são produzidas.

Passamos a analisar o editorial do encarte. Inserimos o texto em sua íntegra, destacando, com sublinhando alguns trechos. A seguir, inserimos a sequência discursiva (SD) 1.

SD1: Professoras e professores,

As Dicas trazem sugestões de aproveitamento e aprofundamento do material publicado na Ciência Hoje das Crianças.

Nosso objetivo é compartilhar e divulgar ideias que sirvam como suporte para trabalhar em sala de aula os artigos e as matérias da revista, *tendo sempre em vista a(s) realidade(s) do Ensino Fundamental em todo o Brasil.*

Queremos que esse material seja construído em parceria com vocês, que vivem os desafios e as possibilidades do trabalho cotidiano, junto aos alunos, e que conhecem como ninguém as particularidades e riquezas de sua comunidade, de sua região.

Participe, enviando suas próprias dicas de atividades, relatos de projetos desenvolvidos por sua escola, sugestões de temas para abordagem na CHC, opiniões suas e de seus alunos sobre a revista e sobre este encarte.

Será um prazer receber a sua contribuição. (CHC, 2010, p. 1) (grifos nossos)

No editorial, considerado aqui como um sítio de significância (Cf. ORLANDI, 2003; 2004), as “Dicas” são enunciadas como sendo um modo de trabalhar, “suporte para trabalhar em sala de aula os artigos e as matérias da revista”.

Os termos “professores e professoras” apareçam em destaque, como vocativo, como se fosse o chamamento de uma carta pessoal. O sujeito-leitor-professor é interpelado como interlocutor (observado no vocativo “Professoras e professores”). O professor é convidado a enviar sugestões de temas para a revista, opiniões sobre a revista e o encarte em

conjunto com seus alunos (potenciais consumidores de conhecimento científico). Aproximando-nos das análises realizadas por Cortes (2016), poderíamos depreender duas posições-sujeito: o efeito-leitor-professor e o “efeito-leitor-analfabeto em ciência” (CORTEZ, 2016, p. 6) – que podem compreender tanto o professor quanto o aluno. Vale destacar que, para Cortes (2016, p. 4), “a ideologia do analfabeto como doença social, por um lado, e da classe dominante oferecendo a suposta cura, por outro, é um pré-construído do discurso pedagógico (DP)”. O autor complementa que o efeito de sentido de “analfabeto” também ressoa no discurso de divulgação científica, ao preconizar que “a alfabetização científica vai promover a cidadania e tirar o analfabeto em ciência de sua condição de incapaz” (CORTEZ, 2016, p. 5) (grifos do autor).

No fio discursivo do editorial, ao observarmos as desinências modo-temporais e número-pessoais, os pronomes pessoais e possessivos, assim como os relativos, podemos verificar o modo de inserção do leitor, ou melhor, o efeito-leitor produzido no editorial do encarte “Dicas do professor”. Recortamos trechos do editorial que orbitam o professor e sua atividade docente. Vejamos: “parceria com vocês, que vivem os desafios (...) e que conhecem (...) as particularidades”; “Participe, enviando suas próprias dicas de atividades”; “Será um prazer receber a sua contribuição”; “suas próprias dicas de atividades”; “sua escola”; “opiniões suas”; “seus alunos”; “a sua contribuição”.

Desta feita, na materialidade linguística, podemos depreender, ao menos, duas posições discursivas, ao destacarmos as marcas de pessoa discursiva (Cf. INDURSKY, 1997). Identificamos que o divulgador ora se apresenta utilizando a desinência de primeira pessoa do plural¹⁴ (*Nosso objetivo é compartilhar; Queremos que esse material...*), ora pela designação do próprio encarte (*as dicas trazem sugestões de aproveitamento...*). O interlocutor, no caso o professor, é interpelado, como já falamos, pelos substantivos, pelo pronome *você/vocês* ou pela desinência número-pessoa (*participe*).

Seguimos às páginas 2, 3 e 4 que contêm os comentários e atividades relativas aos artigos da revista. Para melhor visualização da relação que se estabelece entre os títulos dos artigos e os subtítulos das “dicas”, montamos um quadro comparativo.

¹⁴ Embora não seja nosso objetivo analisar a posição do sujeito-divulgador no encarte, achamos condizente fazer breves considerações. O sujeito-divulgador é colocado na posição de produtor do encarte, sendo representado por NÓS (a equipe da revista). Outra posição é a de dar voz ao referente “encarte da revista”, representado por “Dicas”.

Quadro 1: Comparação entre títulos e subtítulos.

Títulos dos artigos da edição da CHC		Subtítulos das “Dicas do professor”	
Escuta essa! Para entender direitinho a maneira como ouvimos	p. 2	Escuta essa!	p.2
Teiú: um gigante parente dos dinossauros que até hoje vive entre nós	p. 6	Teiú: o gigante americano	p. 3
Como funciona a sonda espacial?	p. 28	Como funciona a sonda espacial?	p. 4

Fonte: a autora.

O subtítulo de cada parte das Dicas parece funcionar como um guia de leitura que aponta a exterioridade das dicas, ao mesmo tempo em que costura suas partes. As três dicas que compõem o encarte indicam uma estrutura organizacional que apresenta certa regularidade. Faz-se uma referência ao tema, retornando o artigo da edição (especializado na capa), de forma resumida. Apresentam-se as atividades que podem (e devem) ser realizadas com a turma, sugerindo a sequência das mesmas (indicação de leitura do artigo e as atividades a serem realizadas em sala) e um fechamento. A extensão das dicas parece estar relacionada à extensão do artigo de referência

Observamos que a formulação inicial das dicas é construída por frases declarativas afirmativas que direcionam a produção da própria revista. Vejamos alguns trechos: “O artigo principal desta edição traz à tona a importância dos cuidados com a nossa saúde auditiva” (p. 2); “Répteis gigantes quase sempre povoam o imaginário infantil. Os teiús, apresentados neste artigo, são parentes dos tão admirados dinossauros” (p. 3); “O artigo sobre a sonda espacial explica o funcionamento desta que é um importante instrumento de informação para a ciência” (p. 4).

Em relação ao modo de apresentar as atividades que devem ser realizadas pelo professor com sua turma sobre um artigo específico da revista, a título de exemplificação, recortamos trechos da seção “Escuta essa!” (p. 2) do encarte. Podemos observar o efeito de sequencialidade ao enfileirarem-se as ações que devem ser realizadas pelo professor. Um enfileiramento de ações que podem ser postas como um passo a passo que deve ser seguido pelo professor. As atividades sugeridas vão de um convite a um otorrino a formas de ler o texto. Tais atividades são marcadas por advérbios ou locuções adverbiais que expressam uma sequência ordenada, produzindo um efeito de *script*: primeiramente, na sequência, em seguida.

SD2: Primeiramente, o profissional poderia realizar alguns exames audiométricos entre os alunos que já têm o MP3 como “parte do corpo” e

fornecer mais informações sobre a saúde auditiva na adolescência. Na sequência, os alunos que têm pai, mãe ou conhecidos que trabalhem expostos a fortes ruídos (construção civil, aeroporto, trânsito etc.) pesquisariam a média de decibéis à qual essas pessoas são submetidas diariamente, compondo uma tabela. Em seguida, os profissionais em questão realizariam o teste audiométrico na escola. Em função do resultado, o otorrino comporia junto com os alunos as orientações sobre como minimizar os diferentes problemas. (CHC, 2010, p. 2) (grifos nossos)

Esse efeito de *script* também pode ser observado na sequência recortada sobre “Teiú: o gigante americano”, como expressões como “o primeiro passo”; “feito isso”; “a partir de então”. Vejamos:

SD3: Para trabalhar o tema, o primeiro passo, claro, é a leitura do texto. Feito isso, você e seus alunos terão acesso a uma descrição minuciosa das características do animal e, a partir de então, pode ser bastante interessante um passeio pelo universo dos répteis. (CHC, 2010, p. 3) (grifos nossos)

Além desse passo a passo, observamos que essa textualidade tem sua formulação marcada por sentenças injuntivas, produzindo a ilusão de controle do sujeito-leitor-professor. Em textos injuntivos, como em manuais, textualidades que têm um funcionamento que aponta para certa “injunção ao dizer” (ORLANDI, 1985, p. 264) com direcionamento fechado para os sentidos, há a ilusão de controle do sujeito-leitor. As “Dicas de professor” parecem funcionar como um manual de instruções.

Uma marca linguística muito produtiva no *corpus* é resultante de formas deônticas e de verbos modalizadores. Podemos suscitar, por exemplo, que o verbo no modo imperativo busca direcionar o movimento da leitura. O provável efeito que se produz é de um leitor que precisa ser direcionado frente ao conhecimento científico. No encarte, verbos que indicam modos de realizar um algo (no imperativo ou no infinitivo) são encontrados em todas as sugestões, como por exemplo:

SD4: *Pode apostar* que dificilmente alguém irá se manifestar. [...]

É preciso alertar os alunos. [...]

Abrir informações como essas para a comunidade escolar não é difícil. [...] (CHC, 2010, p. 2) (grifos nossos)

Lembremos que os verbos no infinitivo impessoal podem produzir um efeito de sentido imperativo. Isto é, em situações em que se expressa uma ordem, pedido, desejo, conselho, sugestão, súplica, convite, aviso, alerta, recomendação, orientação ou solicitação. No âmbito da formulação, observamos, por meio desses verbos, o funcionamento do didatismo,

que se dá por meio do atravessamento do discurso pedagógico. Nas sugestões relacionadas a cada artigo da revista, as dicas parecem indicar propostas didáticas para trabalhar determinados artigos da revista; ensinar como tornar o material publicado na revista como um material didático, produzindo a imagem de professor como aquele que é guiado a fazer atividades.

Observamos que o professor é convidado a consultar o artigo de referência e incumbido a realizar a atividade proposta *com sua turma*, é compelido a desenvolver atividades, a *estimular* a leitura. No trabalho com e da leitura, em uma perspectiva discursiva, de acordo com Orlandi (1999, p. 88), “o professor deve colocar desafios à compreensibilidade do aluno sem deixar de lhe propiciar as condições para que esse desafio seja assumido de forma consequente”. As leituras podem inscrever os sujeitos em um regime de repetibilidade ou de deslocamento (Cf. INDURSKY, 2019).

A contribuição do professor, em relação às leituras previstas para um texto, é modificar as condições de produção de leituras do aluno, dando oportunidade a que ele construa sua história de leituras e estabelecendo, quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto, sem obstruir o curso da história (futura) desses sentidos. (ORLANDI, 1999, p. 88)

Nas três dicas, o professor – interpelado pelo pronome *você* – é produzido como o segundo polo da interlocução discursiva. É uma representação que é identificável (ou não) por meio de pistas linguísticas. Nessas sequências, a atividade a ser realizada destina-se ao professor, embora este não esteja materialmente representado. Podemos dizer que *você* está em relação à turma (*com sua turma, seus alunos, dos seus alunos*).

Apesar de o pronome *você* aparecer em várias sequências das dicas, como já comentamos, também o encontramos em sua forma plural, quer seja, *vocês*. Constatamos que a mudança linguística estabelecida entre singular/plural, mais do que acrescentar ideia de quantidade, produz outros sentidos. Na interlocução discursiva, o outro não é dado *a priori*. O outro pode ser representado pela junção do *você* com referentes diversos. Como podemos observar, a interlocução discursiva é regida pela opacidade e pela indefinição. Podemos observar nas SDs recortadas que se retoma uma atividade conjunta: professor e sua turma. O professor não é chamado apenas para implementar as “dicas”, mas, sobretudo, para realizar as atividades com seus alunos, dessa forma o pronome *vocês* seria a soma professor mais alunos.

Baalbaki (2008), ao analisar os editoriais dos encartes das edições nº 97 (“Lixo: lugar certo e lugar errado”; “Quem vive de lixo”; “Adubo orgânico”) e nº 98 (“Livros”; “Biblioteca”), ambos publicados no ano de 1999, aponta para um gesto de análise que poderia, em um primeiro momento, “interpretar o adjunto ‘Dicas do professor’ ora como ‘dicas para o professor’, ora ‘dicas de professores’ (BAALBAKI, 2008, p. 113). Contudo, ponderamos que no encarte “Dicas do professor” da edição nº 216, o qual consideraríamos seu funcionamento como o de um manual didático, o professor é interpelado como leitor das dicas apresentadas e como autor das dicas a serem por ele enviadas à revista. As “Dicas” seriam também do professor e dos alunos, como se eles fossem cooperadores das atividades ali propostas.

4. As dicas e os PCNs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), implementados pelo MEC na década de 1990, têm como objetivo oferecer parâmetros ao ensino fundamental. Silva (2017) destaca que os PCNs demonstraram “o fortalecimento produzido em Educação (...)” (p. 317) – uma via galgada há algumas décadas, pois, como complementa a autora, desde a década de 1970,

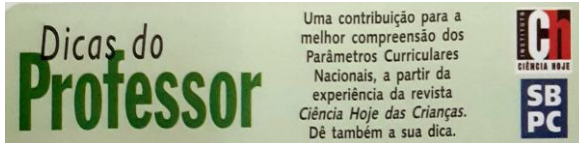
[...] o Ministério da Educação passara a trabalhar em articulação direta e estreita com a comunidade acadêmica para a produção de políticas, projetos, programas, legislação, através de comissões de trabalho e comitês de pesquisa, conferindo às propostas do Estado a sustentação explícita da Ciência. (SILVA, 2017, p. 317-18)

Por outro lado, destacamos que o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do MEC, entre outras atribuições, é destinado a avaliar obras didáticas, literárias, entre outros materiais de apoio. A política de avaliação de tais obras estabelece que os mesmos devam estar de acordo com os PCNs. A revista, por ser distribuída gratuitamente pelo MEC a várias escolas públicas como material paradidático, mantém um vínculo com esse órgão público (que é o seu maior comprador). O que acaba por transformar o encarte em um instrumento de implementação da política pública de educação e, de certa forma, endossá-la. Encarnação (2001), ao tratar da relação entre os PCNs e a revista, salienta que “o caráter multidisciplinar da revista já a colocava em consonância com os campos do conhecimento contemplados pelos PCN” (ENCARNAÇÃO, 2001, p. 112).

O professor e o aluno são construídos como aqueles que devem consumir as “Dicas do professor”, material vinculado à revista CHC, comprada pelo MEC e, por conseguinte, ser um objeto de divulgação científica e de divulgação das políticas públicas daquele órgão.

Abaixo, inserimos o quadro inserido na última página do encarte.

Fig. 6: Dicas do professor e PCNs.



Fonte: Encarte da revista Ciência Hoje das Crianças – p. 4.

Assim como há ambiguidade no título do encarte, também podemos observar ambiguidade encontrada no trecho que relaciona as dicas aos PCNs: “Uma contribuição para melhor compreensão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da experiência da revista Ciência Hoje das Crianças. Dê também a sua dica.”. Afinal, a contribuição para o entendimento dos PCNs seria decorrente da experiência da revista ou da experiência do professor? Ou de ambos? A relação com os PCNs seria uma forma de justificar a compra da revista pelo MEC?

De certa forma, podemos conjeturar que as “Dicas do professor” poderiam ser um arquivo pedagógico (Cf. INDURSKY, 2019). Segundo a autora, o arquivo pedagógico “não se destina à pesquisa, mas às atividades que serão propostas (pelo professor) a seus alunos” (p. 103). Da ordem da incompletude, esse arquivo também é lacunar, é organizado pelo professor e, eventualmente, pelo professor e seus alunos. Assim,

Com os arquivos pedagógicos criados pelo professor, o sujeito-aluno terá a oportunidade de mergulhar numa coletânea de textos que lhe proporcionarão diferentes leituras que aportam diversificados posicionamentos sobre um único e determinado tema. Essa atividade vai conduzir o aluno à construção de sua história de leituras e habilitá-lo a se apropriar de enunciados postos a sua disposição para produzir, a partir deles, seus próprios textos. (INDURSKY, 2019, p. 106) (grifos da autora)

No entanto, esse arquivo pedagógico possibilitado, juntado e organizado pelas Dicas não seria feito pelo professor e seus alunos, mas pela revista e, portanto, seria um arquivo feito para o professor aplicar com

seus alunos (mesmo que sejam convidados a participar e enviar dicas). Dessa feita, consideramos, em um movimento de deslocamento teórico, definir as “Dicas do professor” como um “arquivo didaticizado” – aquele que é organizado por uma instituição com a proposta de apresentar uma coletânea de textos de divulgação científica e de modos de ensinar os conceitos científicos que sirvam para o “transformar” o sujeito-analfabeto-em-ciência em um sujeito-capaz em um material que é também divulgador de políticas públicas educacionais.

5. Considerações

Parece possível, após as análises, interpretar o adjunto “Dicas do professor” como, fundamentalmente, dicas para o professor realizar com sua turma. Na escola, na sala de aula, o professor seria o “porta-voz da ciência” (CORTES, 2016), ou melhor, da ciência produzida e se faz circular pela CHC a seus alunos?

As “Dicas do Professor” parecem aproximar-se ao discurso pedagógico, no que diz respeito às instruções de uso, modos de usar comuns em manuais pedagógicos para professores. Tudo parece indicar que o professor precisa receber um material de instrução, um manual que indique atividades passo a passo, um manual que ensine seu fazer. Dessa forma, podemos dizer que professor é colocado na posição de aluno. Cabe ressaltar que, ao professor em posição de aluno, é vetado o lugar de produtor de conhecimento. A imagem do professor daquele que precisa receber um manual que lhe diga como trabalhar com um determinado material paradidático, a *CHC*. Um professor-consumidor de dicas.

Se com a análise do título do encarte considerávamos que as dicas eram para e do professor, ao final da análise das seções do encarte, compreendemos que as dicas não são apenas para o professor, mas também para seus alunos. O sujeito-leitor é representado pelos itens lexicais “professores” e “professoras” e pelos pronomes VOCÊ (professor-aluno) e VOCÊS (professor e alunos) e a s desinências verbais. Pudemos depreender, na análise do *corpus*, o sujeito-leitor-professor-aluno que recebe dicas do encarte da revista; e o sujeito-leitor-professor-que-trabalha-as-dicas-com-seu-aluno. Podemos dizer que em “Dicas do professor” constrói-se a imagem de um professor que necessita de um manual que o ensine a trabalhar com a revista, que o ensine seu saber-fazer.

Em suma, no encarte “Dicas do professor”, buscamos analisar as imagens do sujeito-leitor, que também constitui o discurso de divulgação científica. Analisar o modo como o sujeito-leitor-professor é representado permitiu-nos depreender algumas imagens do leitor-professor. Esse leitor parece ser marcado pela falta: não saber ensinar ciência. Nesta condição, a falta funda um dos sentidos da divulgação. Por isso, é possível falar, por exemplo, em alfabetização científica, pois a população está fadada a ser cientificamente analfabeta: sempre haverá um conhecimento novo que foi produzido pelo cientista X, no laboratório/universidade Y e que “necessita” ser divulgado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAALBAKI, A. C. F. Criança ou professor: o leitor da ciência hoje das crianças. *Cadernos do CNLF*, v. XI, p. 108-19, Rio de Janeiro: CiFEFil, 2008.

CARLOTTO, O. B. *Contribuições da revista Ciência Hoje das Crianças para o letramento*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Caxias do Sul, 2013. 186f.

CORTES, G. R. O. Do lugar discursivo ao efeito-leitor: o funcionamento do discurso em blogs de Divulgação Científica. *Estudos da Língua(gem) (On-line)*, v. 14, p. 23, 2016.

ENCARNAÇÃO, B. Criança e ciência: o relato de uma relação possível e de muito entusiasmo. *Ciência & Ambiente*, n. 23, p. 109-13, Santa Maria, jul./dez. 2001.

ESTEVES, B.; MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C. Ciência para Todos e a divulgação científica na imprensa brasileira entre 1948 e 1953. *Revista da SBHC*, v. 4, n. 1, p. 62-85, Rio de Janeiro, jan./jun. 2006.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas-SP: Unicamp, 1997.

_____. A Análise do Discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. *Cadernos do IL*, n. 20, p. 7-21, Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. Leitura, escrita e ensino à luz da Análise do Discurso. In: NASCIMENTO, L. (Org.). *Presenças de Michel Pêcheux: da análise do discurso ao ensino*. Campinas: Mercado de Letras, 2019. p. 97-120

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LAGAZZI, S. M.. A equivocidade na circulação do conhecimento científico. *Linguagem em (Dis)curso* (Impresso), v. 11, p. 1-18, 2011.

LUNKES, F. L.; DELA-SILVA, S. C. O discurso midiático e o sujeito (feliz) na atualidade. In: SOARES, A.F. *et al.* (Org.). *Discurso, interlocuções e...* Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 91-110

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Renavan; Campinas-SP: Unicamp, 1998.

MOIRAND, S. Formas discursivas da difusão de saberes na mídia. *RUA-Nudecri*, n. 6, p. 9-24, Campinas, 2000.

NOBLE, D. M.; MITTMANN, S. O professor e o aluno como agentes do desenvolvimento da leitura. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 26, p. 69-79, 2016.

NUNES, J. H. A divulgação científica no jornal: ciência e cotidiano. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação*. Campinas: Pontes, 2003. p. 43-62.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ____ (Org.). *A leitura e os leitores*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2003. p. 7-24

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas-SP: Pontes/Vozes, 2004.

SILVA, M. V. Uma Base Nacional Curricular Comum para a leitura nas escolas brasileiras: a política e o político. In: FLORES, G.G.B. *et al.* (Org.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes, 2017. p. 315-32

PFEIFFER, C. C. Educação a distância: mídia e reciclagem. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação*. Campinas: Pontes, 2003. p. 31-42.